



TEMA 3
O REINO DE
DEUS COMO
HORIZONTE
DA MISSÃO

TEMA 3

O REINO DE DEUS COMO HORIZONTE DA MISSÃO

I. INTRODUÇÃO

Nesse tema, gostaríamos de propor alguns conteúdos que nos permitam aprofundar nossa compreensão da relação entre o Reino de Deus e a missão cristã.

Nesta experiência do CAM6, desejamos **dar um novo impulso à missão ad gentes da Igreja, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.**

É necessário começar nossa proposta reconhecendo que o Reino de Deus não é simplesmente o horizonte da missão como uma questão periférica, que pode ser visualizada ou não, de acordo com as circunstâncias ou o simples desejo da comunidade eclesial. O Reino de Deus é o próprio coração da missão, é a razão da missão. Lembremo-nos de que a missão é a missão de Deus, e essa missão nos arrebatava, como Igreja, e dá sentido à nossa existência.

Lucas apresenta o próprio Jesus no início de sua missão pública, na sinagoga, um lugar de “escuta” comunitária da Palavra de Deus, assumindo a profecia de Isaías como estrutura e definição de sua missão. Vamos ler o texto, Lc 4,14-21:

“Jesus voltou para a Galileia no poder do Espírito, e a sua fama se espalhou por toda a região. Ele ensinava nas sinagogas, e todos o elogiavam. Jesus foi para Nazaré, onde havia sido criado, e no sábado entrou na sinagoga, como de costume, e levantou-se para ler. Foi-lhe apresentado o livro do profeta Isaías e, abrindo-o, encontrou a passagem em que estava escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu. Enviou-me para levar boas novas aos pobres, para proclamar libertação aos cativos e recuperação da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor’. Jesus fechou o livro, entregou-o de volta ao ajudante e se sentou. Todos na sinagoga estavam com os olhos fixos nele. Então ele começou a lhes dizer: ‘Hoje se cumpriu a passagem da Escritura que vocês acabaram de ouvir’”.

Jesus é o Reino de Deus, sua pessoa e sua mensagem, sua palavra, seu modo de vida, sua capacidade de relacionamento e sua fidelidade ao plano de salvação que brota constantemente do coração do Pai, esse é o Reino de Deus. Podemos identificar, no texto de Isaías, citado por Lucas, e colocado na boca de Jesus, algumas expressões claras que descrevem o Reino:

- O Espírito de Deus é protagonista e consagra (unge) Jesus para a missão.
- Jesus assume conscientemente sua condição de enviado.
- O enviado tem interlocutores concretos: os pobres.

- A dinâmica do Reino é expressa em movimentos específicos: libertação, cura. Esses são frutos claros da ação de Deus em favor da humanidade.

A frase final, “hoje se cumpriu ...”, nos permite entender que Jesus não apenas simpatiza com a profecia, mas que a assume como projeto de vida, concretizando assim a missão do Filho, enviado pelo Pai, ungido pelo Espírito.

Agora, vamos nos perguntar: quais são as consequências de tudo isso para nós? A resposta não pode esperar: a missão que Jesus nos confia, aquela que dá sentido e conteúdo à vida da Igreja, não é apenas uma continuidade da missão de Jesus, entendida como um prolongamento no tempo. Nossa fidelidade à missão do Reino passa por um processo constante de transformação que não só se traduz no anúncio da fé àqueles que não conhecem o Evangelho, mas também é um caminho de conversão permanente à fé por nossa parte. As palavras de Jesus: “convertei-vos porque o Reino está no meio de vós” geram uma tensão saudável necessária em nossa experiência de fé, em nível pessoal e comunitário.

II. DESENVOLVIMENTO

O Reino de Deus: sua natureza e valores

A mensagem de Jesus de Nazaré sobre o Reino de Deus que está aqui em nosso meio é retumbante. Ela aponta para o presente. O verdadeiro presente é, por definição, constituído por todos os passados que o tornaram possível e aberto ao futuro como uma possibilidade.

Se pudéssemos identificar uma dimensão ética de viver o Reino, é possível olhar para a experiência global da pandemia como um exemplo claro: ela ressoou em muitos de nós como um desafio, uma necessidade de

mudar nossas vidas. Tornou-se imperativo quebrar a lógica que sustenta um modo de vida tão vertiginoso. Essa dimensão ética possivelmente nos desafia a buscar um estilo de vida que abrace a simplicidade, que renuncie às aparências, à corrida pelo prestígio e ao consumo irresponsável e excessivo. Mas uma compreensão adequada do Reino vai além de uma mera interpretação ética. Quando voltamos a olhar para a experiência de Jesus por meio das Sagradas Escrituras, podemos entender que as possíveis exigências morais de viver o Reino estão baseadas em uma experiência de aprendizado muito mais profunda, em que o discípulo missionário, por meio do encontro permanente com Cristo, assume progressivamente sua pertença a Deus, sua pertença à Igreja. A partir dessa relação filial, na qual Deus é visto como Pai e a Igreja como Mãe, entende-se que o Reino de Deus oferecido a toda a humanidade, servido pela Igreja como sacramento de salvação, nos leva a redescobrir a vocação à unidade, uma unidade que não se esgota na Igreja, mas que se abre à mística de pertencer à família humana.

Na fé cristã a centralidade da pessoa de Jesus Cristo é decisiva, lembremos mais uma vez que Jesus não apenas “fala do Reino”, Ele “é” o Reino de Deus; conseqüentemente, nós crentes devemos sustentar uma dinâmica que nos permita retornar a Ele sempre. E quando planejamos anunciá-Lo, devemos tentar fazê-lo abraçando a totalidade de sua pessoa e de sua mensagem, para nós e para nossos interlocutores devemos buscar a experiência constante do fascínio com sua pessoa e sua mensagem.

Frequentemente encontramos pessoas que compartilham conosco suas próprias buscas pela felicidade e, ainda mais frequentemente,

nós mesmos buscamos ser felizes. No entanto, não é raro que essas buscas se concentrem na satisfação de necessidades ou na tentativa de obter o mínimo de segurança pessoal ou familiar, mas será que encontramos esse tipo de felicidade em Jesus, em sua missão? Em um simples exercício de contemplação, descobrimos rapidamente que Jesus não vem até nós para nos dar uma mensagem superficial de consolo ou para nos entreter com alguns compromissos com causas saudáveis que estão na moda em um determinado momento. Jesus não é um revolucionário pragmático, nem um místico abstraído da realidade, vendendo uma felicidade superficial, nem mesmo pretende dar uma possível mensagem questionadora. Jesus vive, se encontra, ouve, sente, fala, serve, carrega a cruz, morre dando sua vida para salvar – para redimir o mundo. O Reino de Deus é a Salvação para o mundo.

A chegada do Reino na história nos permite entender que tudo pode ser redimido, que a justiça de Deus quer alcançar todos salvando. O cristão é uma pessoa fascinada pela experiência de ser salvo e procura se aproximar de toda situação de dor e de pecado para oferecer a salvação de Deus a todos por meio da palavra, do testemunho e da doação da própria vida. Para que isso seja possível, a dimensão de discipulado de nossa condição cristã nos permite entrar sempre em comunhão com Jesus para aprender suas palavras, seus gestos, seus caminhos e, por sua vez, essa mesma condição de discipulado, complementada pela dimensão missionária, nos permite amadurecer em nossa capacidade de encontrar os outros, de modo que a realidade também nos alcance, entre em nós, nos machuque com sua dor, nos alegre com sua alegria e nos envolva com suas necessidades. É um exercício de descentramento permanente,

em que damos a primazia a Jesus, mestre da humildade, da constância, da paciência e da compaixão, e olhamos a partir de seu olhar, com a liberdade dos filhos de Deus.

Espiritualidade do discípulo missionário do Reino de Deus

Nossa condição de sermos chamados, ungidos e enviados. A dimensão vocacional de nossa própria jornada de fé nos leva a descobrir que, por sermos chamados a acreditar em Deus e nos abirmos ao dom de sua paternidade, somos ungidos e enviados para oferecer esse dom a todos. Alimentar nossa consciência de sermos “enviados” sempre nos levará a um exercício de purificação que nos desinstala e afasta qualquer pretensão de superioridade e de triunfalismo missionário. Nós não temos uma missão, a missão de Deus é que nos tem.

Nossos interlocutores são os de Jesus, os pobres. Uma chave para o discernimento missionário sempre será a vida dos pobres, não como vítimas de um sistema, mas como um lugar teológico onde Deus se faz presente e exige de nós fidelidade no serviço da justiça, da verdade, da dignidade e do bem comum.

Os movimentos próprios da missão de Jesus, em favor do povo, continuam sendo os canais da missão que nos foi confiada, o que evita possíveis interpretações desviantes da missão, que podem ter o aroma de abstrações morais, piedosas e doutrinárias. A missão a serviço do Reino exige uma espiritualidade de pertença ao Santo Povo Fiel de Deus, que celebra, escuta Deus nas Escrituras e na realidade e, servindo com compaixão, sem arrogância ou interesses ocultos, oferece o caminho da salvação e reconhece o Reino de Deus.

Para Jesus, o Reino de Deus, o que ele esperava e anunciava, é o que acontece quando Deus reina em vez de qualquer outro poder. Em termos históricos, ou seja, como uma realização no tempo, isso significa que a paz, a justiça e o amor reinam entre as pessoas e a natureza. O reino de Jesus, um reino de justiça e serviço, busca crescer no meio das pessoas e do mundo. Jesus não fugiu do mundo, nem convida ninguém a fugir dele. “Meu reino não é deste mundo”, essa palavra de Jesus não deve nos levar a ficar despreocupados e a fugir, caindo em uma espiritualização da evangelização, pois somos chamados a servir na expansão de um Reino que não se identifica com os poderes deste mundo, mas que se torna visível, tangível nele. Foi a isso que Jesus se dedicou: testemunho e serviço. A missão não é um exercício de poder; o poder cria dominação, uniformidade, despersonalização e submissão. O poder do testemunho e do serviço não domina, nem impõe, pune, condena ou excomunga, mas acompanha e encanta, cria liberdade e unidade na diversidade e igualdade, comunhão autêntica. É claro que, apresentado dessa forma, alguns podem apontar que é necessário não perder de vista o fato de que a missão também tem um conteúdo que deve ser apresentado e que aqueles que afirmam seguir Jesus e se dizem cristãos devem aceitar. E assim é: a missão não se esgota na ação humanitária que busca resolver os problemas de convivência social e as decisões de ordem.

O Reino de Deus é também o Reino da Verdade. Em Jesus nos é apresentada a verdade de Deus e a verdade do homem, a missão a serviço do Reino não renuncia a essa verdade, muito menos a negocia, o testemunho missionário inclui o testemunho da Verdade, Cristo (Jo 14,6). A liberdade autêntica nos é dada nessa verdade (Jo 8,31-

38). No entanto, sempre será necessário evitar a tentação do legalismo, entendido como a ânsia de propor o caminho da fé como o mero cumprimento de leis e normas. Jesus não renega as normas morais da fé, a novidade em Jesus surge na primazia do mandamento do amor, que completa a lei, superando a compreensão desta como uma mera sequência de proibições e indicações para se tornar a proposta exigente e libertadora de viver na fidelidade a Deus e na comunhão com os irmãos. Em Jesus, isso não é apenas um discurso, é seu modo de vida, e nosso discipulado missionário implica assumir a mesma forma.

Manifestação do Reino: transformação social

Uma característica do Reino de Deus que Jesus proclama é sua realização real e permanente: ele não anuncia uma utopia, mas uma realidade que ele torna presente (Mt 11,3-5) (Lc 17,21). Deus entrou na história humana ... que mudou de cor e de perspectiva ... o mundo não acabou, mas o mundo velho se transformou em um novo. Jesus se revela como o mesmo Deus sob a condição humana: o esperado das nações, o salvador do mundo. Ele é a ponte entre Deus e a pessoa humana, participando de forma extraordinária de um modo de ser Deus que compartilha conosco Sua decisão de ser homem. Quando Jesus anuncia a inauguração desse novo mundo, ele sempre o faz em termos de alegria e esperança. É por isso que Jesus se identifica como o Messias prometido na história de seu povo: sua missão é inaugurar o cumprimento da promessa de Deus às pessoas e ao mundo, e mostrar, por meio de sua humanidade, a direção que aponta o caminho para a felicidade plena. Sempre que Jesus nos fala sobre o Reino, ele nos envolve como atores indispensáveis em sua realização, porque Deus espera o

consentimento de nossa liberdade e nos convida a nos sentirmos felizes por isso: participar da expansão do Reino de Deus é a nossa maneira de nos aproximarmos Dele e alcançarmos a dignidade com a qual fomos criados. Jesus anuncia e convoca ao mesmo tempo: todo anúncio é um chamado à mudança; ele nos chama à conversão como libertação da escravidão e do cativeiro que nos paralisam (Mc 1,15).

Uma compreensão adequada da pessoa

Até este ponto, insistimos na dimensão histórica do Reino de Deus, e não poderíamos fazer outra coisa, mas o Reino de Deus em si é muito mais do que uma resposta a qualquer situação de injustiça e desordem na convivência. O Reino de Deus é “salvação”, assim notamos que, para evitar certo pragmatismo social ou cultural, ou nos submetemos a uma interpretação ideológica, temos a obrigação de parar e refletir sobre a dimensão transcendente do Reino de Deus, a salvação nos projeta para Deus, para a Vida Eterna, as respostas e compromissos cristãos no tempo, coerentemente com o Evangelho, vão além da única projeção histórica para alcançar a plenitude da vida para sempre. Para abranger essa dimensão, faremos uso de algumas considerações sobre a compreensão do mistério da pessoa humana. Ou seja, um breve desenvolvimento antropológico que inclui a transcendência da qual somos capazes e evita a tentação do imediatismo. Elencamos alguns princípios muito básicos.

1. Deus revela a si mesmo. Nossa compreensão da pessoa humana tem como ponto de partida a revelação do Deus Trindade revelado em Cristo. Isso quer dizer que, se quisermos conhecer a pessoa humana, devemos nos voltar para a revelação. Descobrimos quem somos à luz de Jesus Cristo, o revelador de

Deus. O Concílio Vaticano II ressalta que Cristo, na revelação do Pai e de seu amor, revela plenamente o homem ao próprio homem e lhe dá a conhecer sua mais alta vocação (cf. GS 22). Como destinatário da revelação, o ser humano é o objeto da revelação. Como destinatário do amor do Pai, o homem chega a saber até o fim quem ele é. Nesse sentido, a antropologia teológica, sempre em diálogo com a filosofia e as ciências que contribuem com seu conhecimento, contempla tudo isso a partir de um ponto de vista condicionante: a relação do homem com Deus, porque a consideramos a dimensão mais profunda do nosso ser e nos permite reconhecer-nos como objeto privilegiado do amor de Deus e a única criatura na terra que Deus quis para si (GS 24), e é chamada à comunhão de vida com o próprio Deus Trindade.

2. O que é próprio desse entendimento do ser humano, que nos é dado a conhecer em Jesus, é o relacionamento de amor e paternidade que Deus pretende estabelecer com todos os seres humanos em Jesus, seu Filho. Somos chamados pela graça para sermos filhos, para participarmos do Espírito Santo na relação própria apenas de Jesus, o Filho.
3. Esse chamado e esse dom pressupõem nossa liberdade. Nossa existência nos é dada por Deus, que nos cria a fim de nos chamar à graça da comunhão com Ele. Temos nossa própria consistência, não sem relação com o Criador, de quem tudo nos é dado, e essa consistência é necessária para que seja feito o chamado, que é dirigido a cada um de nós.
4. Somos marcados pela experiência do pecado. Criados por amor, nem sempre respondemos com amor; em graus variados, somos capazes de responder a Deus não apenas com indiferença, mas

também com uma rejeição explícita a Deus. Essa é uma dimensão negativa, pois não deveria ser, porque é destrutiva para a própria pessoa humana, mas faz parte da existência. E não podemos ignorá-la, especialmente porque o Novo Testamento nos ensina que o amor de Deus, manifestado em Cristo, torna-se perdão e misericórdia, aceitação do pecador e justificação.

5. Por meio de sua morte e ressurreição, Cristo venceu o pecado e a morte. E nossa inserção nele por meio do batismo é um evento decisivo em cada um de nós. Por meio dele, existimos na fé, na esperança e na caridade.
6. Nossa própria condição de criaturas inclui uma vocação social, estamos em uma relação, somos capazes de ser solidários.
7. O mundo inteiro ao nosso redor, no qual nos movemos e existimos, também é obra de Deus.
8. Nossa vocação final é o estado de integridade pela graça de Deus.
9. Nós somos um corpo. Frequentemente ouvimos as pessoas dizerem “eu tenho o meu corpo”; na realidade, não se trata de ter um corpo como posse, mas de nos reconhecermos como um corpo e, de fato, somos um corpo na medida em que estamos no mundo; o mundo não é para nós uma mera circunstância de lugar, mas um elemento constitutivo; estamos no tempo, justamente por sermos corpo estamos imersos na dimensão temporal de duração contínua e sucessiva, o que nos leva a pensar em nossa condição itinerante e peregrina, na qual nos cabe aprender, corrigir, converter e arrepender; somos mortais, a morte nos des-munda e des-temporaliza, nos retira da esfera temporal que nos constitui. Nesse sentido, a morte indica o fim das dimensões constitutivas do corpo, do

mundo e do tempo, o que nos faz pensar que devemos levá-la muito a sério; somos sexuados, fica claro na concepção do ser humano oferecida nas histórias da criação que somos realizados na polaridade complementar de macho e fêmea. Essa diferenciação sexual, implícita na corporeidade, confere ao ser humano uma dupla tonalidade afetiva, um duplo modo de instalação humana e de relação social correlativamente diferente, porque na sexualidade do homem é projetada sua maneira de estar no mundo; somos uma expressão comunicativa, por meio do corpo nos dizemos, o corpo é a mediação de todo encontro, especialmente o rosto, que, como alguém disse, é o lugar onde, por excelência, a natureza se torna porosa à pessoa; somos históricos e criativos, a historicidade, como estrutura transcendental do homem, abre-o a um compromisso dentro da história na qual ele deve projetar sua existência, pessoal e comunitariamente.

10. Nós somos a alma. Esse conceito antropológico expressa a singularidade do ser humano e sua abertura constitutiva a Deus, por trás da qual está a categoria bíblica da imagem de Deus. Em virtude de nossa natureza criada, estamos em posição de encontrar Deus.

A pessoa é o dom e o mistério que cada um é para si mesmo e para os outros.

Para Jesus, o Reino de Deus é a maneira pela qual Deus manifesta sua ação em meio à história. Dessa forma, o Reino de Deus é uma mensagem de força no presente e de esperança no futuro para os pobres, os famintos, os aflitos: para todos os desafortunados. O Reino de Deus se traduz em atitudes de acolhimento para os pecadores, respeito e reivindicação para

as mulheres estigmatizadas, cura para os doentes, libertação dos “espíritos imundos”. Uma manifestação histórica do Reino do Pai é a fraternidade entre os seres humanos. Aceitar a salvação em Deus Pai coloca a vida humana sob o paradigma real da misericórdia, que não é um sentimento, mas uma atitude fundamental, a misericórdia “feita” na vida cotidiana.

Outra consequência do anúncio do reino é a capacidade de ser inclusivo. Isso deriva da prática do próprio Jesus, que não busca a renovação de Israel por meio de um reforço das leis de pureza, mas anunciando a proximidade de um Deus misericordioso. O que nos ajudaria a chegar a essa convicção? Como podemos comunicar que o Reino de Deus está entre nós e começa aqui e agora? O Reino de Deus está no coração humano, o que nos ajudaria a descobri-lo?

Opção preferencial pelos pobres como uma categoria teológica

Em nossa última seção, gostaríamos de nos deter em um assunto que é sempre controverso, porque presumimos que ele nos desafia e nos deixa desconfortáveis. Em uma mesma experiência comunitária concreta, encontramos diferentes pontos de vista e entendimentos. No início deste capítulo, observamos que os interlocutores do anúncio e, podemos dizer, da vida de Jesus, são os pobres. Por isso que nos sentimos obrigados a parar e refletir sobre esse aspecto.

No Documento de Puebla, podemos ler:

“A grande maioria de nossos irmãos continua a viver em uma situação de pobreza e até mesmo de miséria, que se agravou ... (DP 1135); faltam-lhes os bens materiais mais elementares, em contraste

com a acumulação de riqueza nas mãos de uma minoria ... Os pobres não só carecem de bens materiais, mas também, em nível de dignidade humana, carecem da plena participação social e política” (DP 297) “O compromisso evangélico da Igreja, como disse o Papa, deve ser como o de Cristo, um compromisso com os mais necessitados ... Só por isso, os pobres merecem atenção preferencial, qualquer que seja sua situação moral ou pessoal” (DP 1141).

A opção pelos pobres é exigida pela situação de injustiça institucionalizada em que vivemos, como disseram os Bispos de Puebla. Já antes, na Conferência de Medellín, falou-se de “violência institucionalizada” (DM 16), e o Papa João Paulo II, em sua homilia no Santuário de Zapopán, no México (1979), referiu-se às “estruturas de pecado”.

A opção preferencial é dirigida aos pobres na medida em que eles são pobres, porque, como diz João Paulo II, os pobres são os preferidos de Deus, que enviou seu Filho pobre e constituiu sua Igreja tendo em vista a humanidade pobre e necessitada. A opção preferencial pelos pobres é uma atitude obrigatória de todo cristão e também da Igreja como um todo.

A racionalidade pura de uma ética atual exige uma opção pelos oprimidos mesmo sem referência explícita ao Evangelho. É errôneo pensar que a opção pelos oprimidos só pode se basear no Evangelho, o que tem levado muitos a perder a fé. Além disso, a concretização da opção pelos pobres em um determinado momento histórico requer, para se tornar operativa, as ciências sociais e as situações em cada uma delas. Isso significa que a opção pelos oprimidos deve ser iluminada pela luz e pelo poder do Evangelho,

Os Bispos continuam descrevendo os rostos concretos em que se expressa “a situação de pobreza extrema generalizada” (DP 31), como segue: crianças atingidas pela pobreza antes de nascer, jovens frustrados em áreas rurais e suburbanas, indígenas marginalizados e vivendo em situações desumanas, camponeses sem terra e explorados, trabalhadores mal pagos e sem direitos, marginalizados urbanos diante da ostentação da riqueza, idosos esquecidos e abandonados... (DP 32-39); (DP 32-39). Esses rostos concretos expressam “a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos”, que é julgada como “o flagelo mais devastador e humilhante” (DP 29). A pobreza não é mera carência, não é mera dificuldade de administrar a vida, mas dificuldade de viver causada por outros e acrescida de ignomínia introduzida por outros. A pobreza, então, é pecado, “clama aos céus” (DM, I Justiça), “é contrária ao plano do Criador e à honra que merece” (DP 28).

Da mesma forma, ele aponta para a crescente lacuna entre ricos e pobres: “A verdade é que a lacuna entre os muitos que têm pouco e os poucos que têm muito está se tornando cada vez maior” (DP 2). Portanto, a pobreza não é apenas uma carência de vida, não é apenas uma carência de vida injusta causada por opressores, mas é também a negação formal e mais radical da fraternidade, do ideal do reino de Deus. Como as raízes da opressão são estruturais, essa pobreza, histórica e dialética, torna-se maciça e duradoura; ela não é acidental e exige mudanças profundas nas estruturas (DP 30). Certamente encontraremos os pobres em nossas experiências missionárias. Portanto, é importante que nos conscientizemos sobre o porquê a situação dos pobres é mundial e

para onde iremos em missão. Encontraremos pessoas e comunidades pobres. Eles são nossos irmãos e irmãs empobrecidos.

A opção preferencial pelos pobres continua presente na reflexão da América Latina e do Caribe, e a encontramos no Documento de Aparecida no parágrafo 391 e seguintes.

III. CONCLUSÃO

Gustavo Gutiérrez (2007) nos mostra como a vida dos pobres é uma situação de fome e exploração, de assistência médica insuficiente e falta de moradia digna, de difícil acesso à educação escolar, de baixos salários e desemprego, de luta por seus direitos e repressão. Mas não é só isso, segundo o autor, ser pobre é também uma forma de sentir, de conhecer, de raciocinar, de fazer amigos, de amar, de acreditar, de sofrer, de celebrar, de rezar. Por que escolher os pobres?

Qual deve ser nossa atitude? Como podemos dialogar com eles sobre os direitos humanos e os direitos da criação? O que nos ajudaria a aprofundar nossa preparação? Como podemos nos abrir para aprender com eles, que pequenas coisas podemos dar para despertar sua consciência, valorizar seus esforços de organização e compromisso para reivindicar seus direitos, valorizar sua cultura? Eles são nossos irmãos e irmãs.

FOLHA 3:

O REINO COMO HORIZONTE DE MISSÃO

I. ELEMENTOS DE ORIENTAÇÃO DO CAM6

- **Texto Bíblico:** Jesus disse aos seus discípulos: *“Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”*. Atos 1:8
- **Tema:** Evangelizadores com o Espírito até os confins da Terra
- **Lema:** América, no poder do Espírito, testemunhas de Cristo
- **Objetivo:** Promover a missão ad gentes da Igreja com novo vigor, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.
- **Hino:** Testemunhas do Cristo Vivo
Vamos cantar o refrão juntos...
*Veja como se amam, veja como caminham!
América, com a força do Espírito.
América, testemunhas do Cristo Vivo.*

II. OBJETIVO PARA ESTA TERCEIRA REUNIÃO DE TRABALHO

Objetivo específico: Refletir sobre o Reino de Deus como horizonte da Missão, considerando que essa é a principal mensagem da Pessoa de Jesus, para que nossa ação missionária seja um seguimento Dele, especialmente entre os mais pobres.

III. ORAÇÃO PARA O VI CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO

Nós nos unimos à oração que o Papa Francisco

nos presenteou para este VI Congresso Americano Missionário, destacando o que ela implica para nós nesta reunião. Nos trechos destacados, podemos fazer um breve momento de silêncio para aprofundar nossa oração. Durante ou após a oração, você pode compartilhar uma ressonância que tenha tocado seu coração.

Ó Pai misericordioso,
Que revelaste em teu Filho a Boa Nova,
anunciada nestas terras da América
por tantos missionários, em palavras e
ações;
ajuda-nos a redescobrir nossa vocação de
batizados
para dar um novo impulso à nossa ação
missionária
proclamando, como eles, a alegria do
Evangelho.

Ó Deus,
que derramas teu Espírito Santo para
**RENOVAR A FACE DA TERRA,
FERIDA PELA INJUSTIÇA E PELO
SOFRIMENTO;**
dê-nos força para caminhar, como povo de
Deus,
em sinodalidade e escuta mútua,
para o próximo Congresso Americano
Missionário,
testemunhando juntos o amor que vence o
mundo.

Ó Deus, e nosso Pai,
que escolheste Maria como modelo de
evangelização
para oferecer Cristo a toda a humanidade
faz que, imitando seu exemplo de entrega
e sustentados por seu cuidado maternal e
providente,
que sejamos sempre teus discípulos
missionários
até os confins da terra.
Amém.

IV. TEXTO ILUMINADOR

Lc 4,14-21

Jesus voltou para a Galileia no poder do Espírito, e sua fama se espalhou por toda aquela região. Ele ensinava nas sinagogas dos judeus, e todos o elogiavam.

Ele chegou a Nazaré, onde havia sido criado, e no sábado foi à sinagoga, como era seu costume. Ele se levantou para fazer a leitura, e o livro do profeta Isaías foi entregue a ele. Jesus desenrolou o livro e encontrou a passagem em que estava escrito:

O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me ungiu para levar boas novas aos pobres, para proclamar liberdade aos cativos e aos cegos que logo verão, para libertar os oprimidos e para proclamar o ano da graça do Senhor. Jesus, então, enrolou o livro, entregou-o de volta ao atendente e sentou-se, enquanto todos os presentes mantinham os olhos fixos nele. E começou a dizer-lhes: “Hoje, se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura”.

V. BREVE SÍNTESE DO MARCO TEOLÓGICO

O que é decisivo no cristianismo é a pessoa de Jesus Cristo. Para Jesus, o Reino de Deus é o que acontece quando Deus reina em vez de qualquer outro poder. Isso significa que a paz, a justiça e o amor reinam entre as pessoas e na natureza. Um reino de justiça e serviço que deve crescer no meio das pessoas e do mundo. A missão começa com esse olhar contemplativo que nos permite descobrir os sinais do reinado de Deus presentes no mundo e aquilo que se opõe a esse reinado. Quando Jesus indica que seu reino não é deste mundo, ele não o faz para nos distanciar dele, mas para descobrir que a lógica de sua ação é diferente. Sua lógica é a verdade:

“Eu vim para ser testemunha da verdade”. Uma verdade que supera os legalismos, as falsidades, o ódio, a violência, a exclusão e todos os tipos de males que afastam o ser humano daquilo que não lhe permite viver sua realidade mais profunda: “feito à sua imagem e semelhança” (Gn 1,26). Um reino que busca libertar as pessoas de tudo o que as desumaniza e as faz sofrer, que responde ao que elas mais desejam: viver em dignidade ... Sempre que Jesus nos fala sobre o Reino, ele nos envolve como atores indispensáveis em sua realização e nos convida a nos sentirmos felizes por ele.

Um Reino que reconhece a pessoa humana em seu centro, no qual uma semente é lançada e se torna tão grande que milhares de pássaros vêm se abrigar em seus galhos (Mt 13,31-32). Quem rega essa semente é o Espírito que derrama amor no solo de nosso coração. Um Reino em que Deus manifesta sua ação em meio à história. Uma mensagem que dá força no presente e esperança para o futuro, especialmente para os pobres, os famintos, os aflitos: para todos os desafortunados. Onde a opção preferencial pelos pobres está presente. Pobreza, na maioria das vezes, causada por outros; pecado, que “clama ao céu” (Medellín, Justiça 1), “contrário ao plano do Criador e à honra que merece” (Puebla 28). Certamente encontraremos os pobres em nossas experiências missionárias. Portanto, é importante que nos conscientizemos sobre o porquê a situação dos pobres é mundial e para onde iremos em nossa missão. Encontraremos pessoas e comunidades pobres. Eles são nossos irmãos e irmãs empobrecidos. Qual deve ser nossa atitude? Eles são nossos irmãos e irmãs.



VI. PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO

1. Que lugar o tema do Reino de Deus ocupa em nossa reflexão e ação missionária?

2. Os pobres são o objeto de nossa reflexão e ação? Que elementos refletem essa escolha ou não escolha em nossa comunidade ou grupo apostólico?

3. Que processos de discernimento ocorrem em nosso espaço de reflexão e ação missionária em que o dinamismo da unção e do espírito de envio está presente?

VIII. ORAÇÃO MARIANA

Casamento em Caná

“Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava lá. Jesus e seus discípulos também foram convidados para o casamento. E, como não havia vinho, porque o vinho do casamento tinha acabado, sua mãe disse a Jesus: ‘Eles não têm vinho’” (Jo 2,1-3).

O ministério de Jesus começa em uma festa em que o vinho está faltando. O próprio Jesus compara o Reino a uma festa de casamento. A ação de Maria permite que o banquete continue. Peçamos a Maria que interceda para que todos os homens e mulheres possam participar do banquete do Reino de Deus.

Ave Maria

Ave Maria, cheia de graça,
o Senhor é convosco,
bendita sois vós entre as mulheres
e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.
Santa Maria, Mãe de Deus,
rogai por nós pecadores,
agora e na hora da nossa morte.
Amém.



ORAÇÃO PARA O VI CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO

Porto Rico, 19-24 de novembro de 2024

Ó Pai misericordioso,
que revelaste em teu Filho a «Boa Nova»,
proclamada nestas terras da América
por tantos missionários, em palavras e obras;
ajuda-nos a redescobrir nossa vocação de batizados
para dar um novo impulso à nossa ação missionária
proclamando, como eles, a alegria do Evangelho.

Ó Deus,
que derramas teu Espírito Santo para renovar a face da terra,
ferida pela injustiça e pelo sofrimento;
dá-nos força para caminhar, como povo de Deus,
em sinodalidade e escuta mútua,
rumo ao próximo Congresso Missionário Americano,
testemunhando juntos o amor que conquista o mundo.

Ó Deus e nosso Pai,
que escolheste Maria como modelo de evangelização
para oferecer Cristo a toda a humanidade;
faz com que, imitando seu exemplo de entrega
e sustentados por seu cuidado maternal e providente,
sejamos sempre teus discípulos missionários
até os confins do mundo.

Amém.



Diseño y diagramación



cyeimac@gmail.com